

Angélica Vier Munhoz  
Cristiano Bedin da Costa  
Sergio Andrés Lulkin  
(Organizadores)

PORQUE ESPERAMOS  
[notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus]

1º Edição

Porto Alegre  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Zona de Investigações Poéticas

2020

#I

- edições autonomaz - -

Organização: Cristiano Bedin da Costa, Angélica Vier Munhoz e Sergio Andrés Lulkin

Montagem: Cristiano Bedin da Costa

Todas as notas foram escritas entre os meses de abril, maio e junho de 2020, durante período de isolamento social relativo ao novo coronavírus. A responsabilidade pela revisão e pelo conteúdo dos textos é dos autores e das autoras. A ordem de apresentação corresponde à de envio.

Zona de Investigações Poéticas

autonomaz@ufrgs.br

[www.facebook.com/autonomaz](http://www.facebook.com/autonomaz)

[www.instagram.com/autonomaz](http://www.instagram.com/autonomaz)



Este texto é disponibilizado nos termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

**P837**

Porque esperamos [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus] / Angélica Vier Munhoz, Cristiano Bedin da Costa, Sergio Andrés Lulkin (organizadores) - 1.ed. - Porto Alegre: UFRGS, 2020.  
100 p.

ISBN 978-65-86232-26-4

1. Formação de professores I. Munhoz, Angélica Vier II. Costa, Cristiano Bedin da III. Lulkin, Sergio Andrés IV. Título.

**CDU: 371.13**

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

## OBSOLESCÊNCIA E O VÍRUS DA DOCÊNCIA

Sandra Mara Corazza

Docente Colaboradora - Programa de Pós-Graduação/Faculdade de Educação/UFRGS  
Pesquisadora de Produtividade IB do CNPq  
sandracorazza@terra.com.br

### I. Obsolescência

I.

Este mundo (i)mundo não é para se entender; é para se suportar viver nele.

2.

quanto leite espumando  
quanto pânico moral  
quanto sangue derramado  
dentro do meu coração

3.

quanta diabolização de quem não tem o mínimo requisitoafinal o Diabo é um cara  
preparadomuito melhor do que isso que rola por aísaco de época cheia de moralinanão  
confiamos em nossas próprias conquistas?somos mais fortes do que aquilo que aí estáou só  
fizemos estragos?

4.

É um pular desatinado  
É um brincar desesperado  
É um riso aparvalhado  
Este clown sou eu.

5.

Eu já tive certeza; agora, só me restam dúvidas: existiu mesmo uma época em que achávamos  
que viveríamos para sempre e que mudaríamos o mundo?

6.

Será que antes éramos felizes e até sabíamos? Ou isso é mais uma ilusão criada por essa  
fase maledetta?

7.

Quando você entra em uma competição de arremesso de merda, o que importa é o quanto dela  
acerta você.

8.

Em nome do Pai,  
os Filhos miliciam.  
E o Espírito Santo  
bate continência.

9.

Aquele Presidente alega ter uma clareza de visão que só podia vir do fato de ter sido  
amolado na pedra da realidade brasileira. Só não lhe disseram que a tal pedra, em  
verdade, era a dos rejeitos.

I0.

Este Governo se move em devir-barata: entra/sai; diz-que-sim/diz-que-não; sobe/desce; bota/tira; aumenta/deixa-igual.  
Que tal se usássemos aquelas iscas?

II.

No centro de nosso labirinto, habita o Mitonaro.

I2.

Nada contra o Mito quando se confessa que se é seu criador.

I3.

Desafio [tão in]Passei mais de 60 anos considerando o bolso uma das mais incríveis, polivalente e útil, invenção da humanidade. Ganha um prêmio quem descobrir por que, nos últimos anos, o nome que designa essa invenção causa - a mim e a muitos - engulhos e náuseas.

I4.

Agora, a pergunta que nos toca formular e responder é:  
- Como criar para si um monstro?

I5.

É uma BIC... É uma BIC... É uma BIC...

I6.

Era uma vez um juiz, que se achava acima de qualquer juízo. Juiz néscio.

I7.

Olavianos obscurantistasnem o silício os redimirá

I8.

Engraçada a vida.  
Passamos décadas lutando pela INCLUSÃO.  
Hoje, não paramos de gritar  
FORA!!!

I9.

Parece que estamos tentando fazer uma peneira boiar na água.

20.

O presente já é ruim que chegue sem precisar do passado se misturando com ele.

2I.

dança do tempo  
o passado nunca vai embora  
o futuro nunca chega por inteiro  
o presente é sempre um território de atrito  
entre passado e futuro

22.

Por aqui, temos bebido fel.  
Em Valhala, espero que hidromel

23.

No dia 08 de março,  
não queremos parabéns,  
nem flores,  
nem perfumes.  
Só não nos humilhem, não nos surrem  
não nos matem  
não nos empilhem.

24.

Ninguém tem o direito de interromper o sonho alheio. Mesmo se for um tonel de sonos quebrados.

25.

Enquanto tanta coisa está um destroço, tenho o privilégio de contar com amigos que gostam de mim e de quem eu gosto. (Isso é morar na Rua do Ouro.)

26.

Brinde grego

Que nossos inimigos explodam de inveja.

(Acréscimo mórbido: - E não vamos catar nem um pedaço.)

27.

Parece que o final de uma vida se anuncia quando, sentada na cadeira de bronze, ao lado de Fernando Pessoa, em frente ao Café A Brasileira, bairro do Chiado, Lisboa, em meio a centenas de brasileiros, você chega à conclusão derradeira que não gosta mais de viajar.

28.

Dia de anos

Dói-me o tempo.

A vida range.

A morte roça.

E eu me rapo.

(29/07/I092)

29.

sa(lama)ndra

pass(e)adeira

cria(ndurou)

o passa-passando-passou

30.

A vida não é nada justa; a danada é o que é.

Retrovar ou se perder.

(Retrouver ou se perdre.)

## II. Docência

I.

0 sonho da docência: fantástico tear

2.

0 professor decidido a traduzir está;  
pois de ofício outro não lhe é o fado.

3.

Antes e toda-vida

balbúrdia

do que perversos

balbucios

de estrupícios estropiados.

4.

Esta bandida da Filosofia sempre foi perigosa: corruptora dos jovens,  
dando o que pensar, criticar, interpretar, traduzir.

A começar por seu nome: do gênero feminino.

Só podia ser mulher... Ferro na boneca.

5.

Fica decretado, desde o Salão Central do Sanatório Geral, que todos os Cursos de Ciências Humanas e Sociais dêem um retorno imediato ao Estado e a Deus acima de Todos. Retornar! Volver! Sentido!

6.

Do que conheci, estudei e escrevi de Paulo Freire, acho que ele detestaria esta posição de muso de seja lá quem for, em nome de qualquer agrupamento, contra vocês sabem quem... Ora mais do que nunca ou até o fim... Posições mais antifreireanas nunca vi iguais.

7.

De nada vale ser um filósofo qualificado se você for parar dentro da boca do Olavo de Carvalho.

8.

Eis que, mais uma vez, a história se faz. Tudo o que a professora construiu na vida foi feito não apenas de letras ou de frases ou de tinta, mas dela... e de tudo que ela nem sabia que dentro dela havia.

9.

Na vida e na amizade

De quantos eventos desmesurados participamos; em quantos textos difíceis fomos parceiros; de quantos problemas falamos entre nós para buscar apoio. Emocionada, absorta em contemplar os amigos, colegas, alunos e orientandos, presentes naquele auditório, no Vale do Taquari, pensei que havíamos compartilhado anos, até décadas, intensos, ao longo dos quais conhecemos o que vale e o que não vale na vida e na amizade. Um tempo, em que tínhamos apreciado a proximidade e mesmo a distância uns dos outros, até cada um sentir-se reconhecidamente acompanhado. De modo que todos éramos um e éramos também o resto do clã, numa mescla intrincada de experiências, ganhos e perdas acumulados, preservados das erosões de fora e transformados em muralhas, atrás das quais nos refugiávamos das mais diversas invasões, como sobreviventes que somos de muitas devastações. Vocês é que fizeram tudo isso. Eu colhi os meteoros. Por vezes. Quando tive sorte. Na maioria das vezes, só comi poeira. Do deserto.

10.

Dom esquivo

Acumula, organiza, arranja as folhas. Solidão forçada. Empenho doloroso. Dúvidas incisivas. Gravação de letras. Inscrição de sílabas. Lapidação de frases. Combate desigual. Injusto. Algum sentido. Uma fresta ao menos. Mistério da vida. O que aflige. Como se faz? Verdade que se desfaz, se esgota, se fina. Circunstâncias inapeláveis. Degradação. Folhas pelos dedos. Sensação de distância. Estranheza dérmica. Textura fibrosa. Galhos nas mãos. Pregos nos pés. Pele rústica. Pungente contrariedade. Muitos dias. Longas noites. Dedilhado. Riscos. Anotações. Incapacidades. Sobressaltos de buscas e de encontros. Espicaçamentos. Presente recuperado. Atos e pensamentos. Vidas passadas. Dom esquivo. Recorrências. Possíveis aleatórios. Mãe da história. Herança. Império do tempo. Obsessões. Atitudes. Vida herdada, recriada e vivida. Transfusão de propriedades. Sobreposição aleivosa. Escreve-se o transcorrido. Irreversível. Fugaz. Magnífico. Registro. Nave funerária que paira. Fantasmas que não se esfumam. E ficam. Véu de lágrimas. Ponto de dilaceração. Maldição do demiurgo. Mudas de pés. Tronco inerte caído no recanto do canto. Descarte também é arte. Experiência livresca. A vida docente é isso. Menos humana e mais escrevinhadora.

II.

Em nome da escritura, garatuja-se.

Em nome da escritura, engruvinha-se.

Em nome da escritura, escrevinha-se.

Em nome da escritura, literatura-se.

I2.

Eu não escrevo; sangro pelos dedos. Meus rabiscos tintos se desdobram em um longo fio de tinta.

I3.

No banco da escola

Atravessei o portal entre os mundos e abri a primeira porta, indo dar em uma sala de Aula. Deparei-me então com professores, alunos, armários, livros, quadros, luminárias, capachos e janelas com telas, voltadas para o pátio de recreio. Existia ali um gramado malcuidado, de costas para mim, imóvel, virado para uma grande macieira, parcialmente seca, cujos frutos apodreciam no chão, enquanto outros eram bicados por vespas e passarinhos, impregnando o ar de fortes aromas. No começo da tarde, a luz era cinzenta e clara, o ar estava úmido depois da chuva recente. Havia um pequeno caminho pavimentado com pedras mosqueadas, que pareciam ter vindo de York. Haveria um rio, ali por perto, depois do barranco? Não saberia dizer, mas existia um galpão. Para chegar até ele, era preciso passar por tufos de urtigas e de malvas-rosa ainda em flor. Antes de um pequeno pomar, plantas de groselha e cassis eram sufocadas por um capinzal. Perto de uma estufa em ruínas, originalmente feita de tijolos e ferro fundido, toda coberta de musgo, havia um tonel de água e um poço de pedra. De longe, finalmente enxerguei os três salgueiros que se debruçavam sobre o rio. Ao longo de um muro de tijolos cor de laranja que se esfarelavam, havia um banco de pedra voltado para a Escola. Era lá que o Diabo estava sentado, me aguardando. Foi lá que, soltando um riso excruciante, ele juntou a história de toda a minha vida de professora e a amarfanhou numa trouxa sebenta. Apertei-lhe as mãos e, nesse gesto, findei por lhe entregar todos os sonhos. Brindamos à pífia negociata com água tinta de sangue. E nunca mais fui feliz...

I4.

O professor ReifreQuando o professor Reifre abandonou sua caverna, depois de vinte e três anos de meditação, podia sonhar conscientemente a Aula e assim criar formas curriculares e didáticas. Podia transformar seu corpo numa massa ardente de fogo ou numa extensão de água parada. Podia projetar-se para fora do seu corpo físico. Podia deslocar-se pelo universo em todas as direções. Mesmo que soubesse, desde Nietzsche e Freud, que a consciência é, na melhor das hipóteses, uma máscara, Reifre estava se tornando um ser consciente, que acreditava na Docência. Isso implicava estar num sonho de Aula, saber que sonhava e manter o controle enquanto dormia. Tratava-se de uma experiência que refutava uma concepção materialista de Aula. Pois, não é verdade que a maioria dos professores estão adormecidos quando acreditam estarem acordados? Estar acordado nos sonhos, para um docente, é começar a despertar do sonho da vida; além de intensificar e expandir a consciência de que aquele que sonha também ele é sonhado. A lucidez é o primeiro passo do sonhador desperto. Dom Juan de Castaneda[i] ensinava procedimentos para adquirir um domínio pragmático da situação geral de um sonho, como: olhar para as próprias mãos, escolher um destino, voar. Decidir ser consciente, enquanto sonha, requer escolher, antes, para qual objeto, ser ou ação ficar dirigido durante a experiência onírica. Junto ao Eu, à Alma, ao Tigre, ao Guerreiro, ao Caçador, ao Espectro, ao Querubim, ao Conhecedor..., o sonhante passa a existir conscientemente nos sonhos e se torna apto a perceber uma realidade diversa da realidade material da Docência, mesmo que ambas estejam interpenetradas. É que importava a Reifre experimentar as ações incorpóreas da Docência e aprender as suas leis oneirocríticas que regem a direção consciente na Aula... Essa é a dedicação de nossas pesquisas, desde que passamos a indagar e a responder: qual é, por excelência, o ato de criação docente?

III. & o Vírus

I.

Epitáfio atual

- Êta democracia ampla, geral e irrestrita! Não foi por falta de vírus.

[i] Carlos Castaneda. A arte do sonhar. Trad. Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 1995

2.

Enquanto isso na Quarentena: - E aqueles  
que não têm casa  
ficam onde?

3.

todo o mundo  
(literalmente)  
está tirando  
a sua casquinha  
do Covid-I9

4.

cuidado com o Capitalvírus-20  
sua letalidade é de 100% para os grupos vulneráveis

5.

Prisioneiros de Nós mesmos.  
E do Mundo. E da Terra.  
E do que fizemos com esses três maltratados Seres.

6.

Os Deuses estão descansando.  
- Precisamos de ajuda, concluiu o Diabo.

7. Tentar seguir suave na nave.

8. No filme espanhol O poço, visualiza-se o Brasilimundo no nível 333.

9.

Cada dia, ao acordar, vem junto o desejo que tudo isso fosse só mais um pesadelo.

10.

Passou a Grande Ceifadora e disse:  
- Tem muita gente... e velha.

II.

A maior surpresa que se pode ter na vida é a velhice. Talvez supere a imaginação humana.  
Descobrir, em um certo dia, que, biológica e socialmente, a nossa existência é  
irrelevante e já não tem mais serventia neste mundo não é fácil nem previsível.

12.

Tinha?

Agora, é o seguinte: tinha de ser conosco???

Já não chega os idosos estarem na lista de desviados, de inadequados, de indesejados, de  
não-seres; logo, de dejetos, desde a Matriz Platônica na Grécia Antiga?

Já não chega a tal velhice ser a maior surpresa que alguém pode ter na vida, mais do que  
a morte inclusive?

Já não chegam tantas limitações de movimentos, dores nas articulações, mudanças na  
carcaça, no esqueleto, na pele, na mente, nos dentes, nos afetos, nas relações, na  
sensação de (des)pertencimento?

Tinham que botar, no caldeirão fervente, que é esse (i)mundo do século XXI - que nos  
tocou para morrer -, um super-vírus cuja preferência de letalidade são os idosos?  
E não deixar dúvida alguma: chamar, descarada e cinicamente, esta versão de Thanatos  
de corona (coroa)?

Ah, vão catar coronavírus!!!

Vão. Vão.

Xô. Xô. Xô.

I3.

Nunca pensei em me sentir criminosa por ser idosa.

Virá também a Tropa de Choque, com fuzis e cachorros, recolher e guetizar os idosos?

I4.

Nós, idosos, nos sentimos uma bomba-relógio. Não é fácil, pois só sabemos que estamos acionados, mas não sabemos quando explodiremos; nem, muito menos, como nos travar.

I5.

Revelada fica, agora, a verdadeira Reforma da Previdência: genocídio em massa dos idosos.

I6.

O papão

incrível como um vírus pode virar

mais uma matéria burra de polarização

entre esquerda e direita

entre ministro e presidente

entre ocidente e oriente

entre democracia e ditadura

entre capitalismo e comunismo

entre saúde e economia

entre cores partidárias

estamos mesmo perdidoso

mundo que nos pariu acabou

nós, como fomos subjetivados, estamos exterminados

as cidades não serão mais as mesmas

o lazer mudará

o capital se modificará

a família voltará a se nuclear mais apertadamente

os velhos sumirão de vez e deixarão de pesar no orçamento nacional

a ciência terá de aprender a se IMPOR POLITICAMENTE COM MAIS VEEMÊNCIA

para evitar essas pandemias

[agora, não adianta dizer nós avisamos... como assim, Pedro Bó? há um gozo de poder

vazio/inútil/gozo puro, nesse dizer nós avisamos, mas foram eles que não ouviram; temos

de dobrar isso e os pesquisadores e cientistas têm de se perguntar: como foi que

avisamos? com que ênfase avisamos? como divulgamos as nossas pesquisas? cada um em seu

gabinete ou laboratório, com seus bolsistas e orientandos? em sua Rede de Pesquisa? em um

Periódico AI, lido por meia dúzia de colegas? como partilhamos os nossos resultados de

pesquisa? como estamos constituídos em associações e como elas se apresentam em termos de

poder-saber e de efeito de impacto, junto aos governos e suas políticas públicas?]

tem muita coisa a ser modificada

principalmente nossa estupidez e hipocrisia

diante da força erguida sobre o mundo

e das toupeiras e chacais que a mantém funcionando

I7.

Tive uma premonição com ponto de interrogação:

- Organizar meus livros e depois morrer?

Pensei em Bartleby, o escrevente: - Preferia não[ii].

Que fiquem os amigos de vida inteira como estão

e eu com eles à mão.

I8.

Outra manhã. Perplexa, ao constatar que a vida segue vidaziadando.

Como sempre acontece.

Só percebemos como isso é assombroso quando uma parte de nós fica para trás.

19.

Estou pensando em escrever para não morrer.  
No momento, pratico uma anti-tanatografia.

20.

Para trás

O dia em que nos inquietamos com o futuro é aquele em que deixamos a infância para trás.  
O que será que deixamos para trás quando chega o dia de nos inquietarmos com o futuro do nosso passado?

21.

Ando ensombrecida porque meus filhos e netos estão sendo obrigados a andar pelos caminhos desse (i)mundo.

22.

Deus Pan, senhor do pânico, em ação total no Brasilimundo. E os seus intercessores são os fantasmas que circulam no arquivo.

23. Paradoxo

Um pretenso espírito nietzschiano sentir a sofrência da distância do rebanho.

24.

Síndrome

E se, nessa Quarentena, estivermos desenvolvendo a Síndrome de Estocolmo pelo Coronavírus?

25.

Peço à “vida toda linguagem” (Mário Faustino[iii]),  
que me traga de volta a potência infantil,  
para que eu não pense no futuro.

26. Quando achamos que encontramos o sentido da vida, ele já mudou.

27.

Frase de Oswald de Andrade[iv],

que poderia ser repetida pelo Despresidente Oligárquico do Brasil:

“O Brasil é uma República Federativa cheia de árvores e de gente dizendo adeus.  
Depois todos morrem”.

28.

Poemeto do dia 29/04/2020

A cada dia que passacaem-nos mais

- os cabelos

- a ética na política

- e os butiás do bolso

como as folhas no outono.

[ii] Herman Melville. Bartleby, o escrevente: uma história de Wall Street. (Trad. Tomaz Tadeu.) Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p.57.

[iii] Mário Faustino. O homem e sua hora e outros poemas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.70-71.

[iv] Oswald de Andrade. Serafim Ponte Grande. São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p.20.

29.

A vida da gente é uma péssima peça de teatro. Romance não é; ou é uma tragédia ou um dramalhão. Não há roteiro; se o há, é furado. O diretor é fraco. Os atores são canastrões ou não seguem os seus papéis. A dramaturgia é castigada, como uma jangada em alto-mar. Ou como uma menina que caminha com os sapatos de salto da mãe. O esquireitor salva-se, jogando palavras sobre os acontecimentos. Palavras que, aliás, rastejam para debaixo da terra, sob a luz do dia, tão vexadas quanto os vermes. Com esforço, angústia, sofrimento, as palavras desesperam-se o tempo todo, mas continuam sendo espirradas e tossidas. O que o esquireitor fará se não escrever? Vivemos numa prisão domiciliar, com cenários que se transformam o tempo todo. Somos atores desalmados de uma maldita peça que ninguém mais assiste, que ninguém escreveu e sequer dirigiu. Nos intervalos, bebemos urina de jumento. E o nosso medo acompanha toda a farsa. Seria diferente se eu fosse uma dançarina de burlesco.

30.

Esperança[v]

Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano

Vive uma louca chamada Esperança

E ela pensa que quando todas as sirenas

Todas as buzinas

Todos os reco-recos tocarem

Atira-se

E

– ó delicioso voo!

Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,

Outra vez criança...

E em torno dela indagará o povo:

– Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?

E ela lhes dirá

(É preciso dizer-lhes tudo de novo!)

Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:

– O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...